

Quando desperto a sol, com seus braços descejos,
beijo o meu corpo quente em teu delirio rubro.
Na limpidez do céu, vejo a aurora em beijos
um poema sensual de lírios e orquídeas.

Sob este sonho ardente e de pura imaginação,
a natureza toda é um espelho de paixão.
Em espumas de gás e queimadas pelo vento,
sorridente se impõe pelas montanhas de ouro.

Eu não falo de amor, e venho do mundo
de uma noite de orgia
entre as moles coxins de um harem oriental!
Quero cantar e etéreo
sem latvas de inocência,
na fulgente alegria
que revolva o meu sangue ardente, tropical.

ASPIRAÇÃO

Manita, Abre a janela. Qual se há de estar
o ar que vem da tua boca de luz
e que me inspira a beijos e desejos.

Quando tudo é, na terra do sol exposto,
considerando-me a haurir, fervescendo de gosto,
o perfume do Além que me encanta e seduz.

Como quisera ter neste fugaz momento
— para poder fruir o ar, o amor, a beleza —
desejo para transpor, voejando o firmamento!

Deixar, sair do azul, esta infame estreiteza
que me sufoca, não é, num sublime alento,
fugir para o esplendor gozar a natureza!

TELEFONEMA

« Ah, quem está aí? — Sou a desconhecida
de voz que tem fragor de fronte e tristes.
Aspiro ter um lar mudando a minha vida
num lago azul de amor e beijos sensuais.

De certo desilusão eu trago a alma pungida
pelo estribo da dor. Sou mártir e meus ais
levam para a empíria a saudade dorida
da alma que arde em meu ser em volúptas idéias.

Desejo confessar que te amo, mas, receio
falar-te da aflição que sobre insensivelmente
meus, tudo dentro em mim, morre em febril anseio.

Precedente, sentir teus lábios sobre os meus
e em-te esta paixão de fogo e ilusão
teu sóbria, agora, eu conheço-te... adeus.

Quando desperto a sol, com seus braços descejos,
beijo o meu corpo quente em teu delirio rubro.
Na limpidez do céu, vejo a aurora em beijos
um poema sensual de lírios e orquídeas.

Sob este sonho ardente e de pura imaginação,
a natureza toda é um espelho de paixão.
Em espumas de gás e queimadas pelo vento,
sorridente se impõe pelas montanhas de ouro.

Eu não falo de amor, e venho do mundo
de uma noite de orgia
entre as moles coxins de um harem oriental!
Quero cantar e etéreo
sem latvas de inocência,
na fulgente alegria
que revolva o meu sangue ardente, tropical.

Son: que cresce na chama aurífica da aurora,
que é da velúcia a voz veledoz e sonora,
e desliza em meu sangue, em céus de fonte.

VOZ

Nesta manhã de sol, terra, impõe-se no voz,
na doçura de um sonho ardente de hermafrodita
e levar no meu colo o teu corpo e o
que me inspira a beijos e desejos.

É que bom é subir e contemplar o mar,
o céu, o campo, a luz, neste instante dia,
Como a pomba fugir bem distante do lar,
livre, embrenhar-me então, no amor, na poesia!

Ouvir ébri de vida alegando em desejos
o deus Pan modular canções ternas, sonoras,
em sua acreste flauta, ao sussurrar de beijos!

E assim toda me invade o anseio de ter
para poder fruir, nesses pagés auroras,
o perfume sensual do sonho que me abraça!

BEIJO

Quanta tristeza! O amor que apogou o meu riso,
extinguindo o meu sonho, oprimindo a saudade,
hoi porque não senti o beijo que divinizo
em tua boca líbia, o beijo é a mocidade.

O beijo é o uso do amor que leva ao paraíso
em tremuras líbias de gás e suavidade.
Não te beijei, mas quero, agora, o teu sorriso
vibrante de excitação, cheio de claridade.

Teus lábios devem ter um cheiro de florista,
nas curvas boreais da mocidade em festa,
quando estantes de amor sentimos a alma louca!

Igual à chama rubra e ardente do astro-Rei!
E para eu ser feliz é preciso, bom sei,
a embriaguez do licor olímpico de tua boca!

Sangue Tropical

Laura Santos

No nome eterno e profunda
com vozes estranhas,
possíveis de serem os mesmos
da terra.
E em nome eterno que não poros escancaradas
para a vida,
juízo o mesmo mesmo
singular,
de peccar.

Agora,
opóscopos de papel
as doses badaladas
no velho livro.
Já não se ouvem mais vozes estranhas...
Parece em tudo um silêncio incompreensível,
esquisito,
como se a alma da Noite
se houvesse diluído no infinito.

Só na minha alma ainda há a vida e a vibração,
sem esperança,
de infinito ardor,
tudo a cegar em sonho
e em desejo a frear
a vibração e a vida de um amor,
que, ó semelhança
do linhorio tristonho,
jamais há de florir.

2ª edição

SANGUE TROPICAL

Quero na limpidez
das rimas cristalinas
cantar em sons ardentes
o que vai na minha alma, o que vai no meu
[sangue...]

A intensa embriaguez
das auroras divinas
e os cálidos poentes
em que o sol estérora, a vasquejar exangue.

Quero cantar o amor
na doce efervescência
de uma noite de orgia
entre os moles coxins de um harem oriental!
Quero cantar o amor,
sem laivos de inocência,
na fulgente alegria
que revolve o meu sangue ardente, tropical.

ASPIRAÇÃO

Manhã... Abro a janela. O sol me beija o rosto
a encher-se do regalo, em frêmitos a fluz...
E me ponho a aspirar os eflúvios de agosto
na alegria sem par que me banha de luz.

Cantando, tudo ri, na terra, ao sol exposto,
convidando-me a haurir, fervescente de gôsto
o perfume do Além que me encanta e seduz.

Como quisera ter neste fugaz momento
— para poder fruir o ar, o amor, a beleza —
asás para transpor, voejando o firmamento!

Deixar, noiva do azul, esta infame estreiteza
que me sufoca: mata e, num sublime alento,
fugir para a amplidão, gozar a natureza!

TELEFONEMA

— Alô, quem fala aí? — «Sou a desconhecida
de voz que tem fragor de bronzes e cristais.
Aspiro ter um lar mudando a minha vida
num lago azul de amor e beijos sensuais.

De atroz desilusão eu trago a alma pungida
pelo espinho da dor. Sou mártir e meus ais
levam para a amplidão a saudade dorida
da alma que arde em meu ser em volúpias ideais

Desejo confessar que te amo, mas, receio
falar-te da aflição que sofro insanamente
mas, tudo dentro em mim, morre em febril anseio.

Inconsciente, sentir teus lábios sobre os meus
e dar-te esta paixão de fogo a ti somente
resta apenas, agora, eu conhecer-te... adeus.»

VOLÚPIA

Quando desperta o sol, com seus brutais desejos,
beija o meu corpo inteiro em seu delírio rubro.
Na limpidez do céu, todo desfeito em beijos
um poema sensual de róseo amor descubro.

Sob êste sonho ardente e de sutis harpejos,
a natureza tôda é um mármoreo delubro.
Em espasmos de gôzo o deus pagão sem pejos,
sorridente se impõe pelas manhãs de outubro.

Eu, tôda fluido sou, e sou tôda elástico,
na ondulação febril de profundo mistério
que vem na voz do vento e na luz do horizonte.

Som que cresce na chama aurifica da aurora,
que é da volúpia a voz veludínea e sonora,
e desliza em meu sangue, em coeios de fonte.

VOAR

Nesta manhã de sol tenho ímpetos de voar,
na aeronave de um sonho azúleo de harmonia
e levar no meu seio o teu lúbrico olhar
que me inspira a beleza e desperta alegria.

E que bom é subir e contemplar o mar
o céu, o campo, a luz, neste risonho dia
Como a pomba fugir bem distante do lar,
livre, embrenhar-me, enfim, no amor, na poesia!

Ouvir ébria de vida ofegando em desejos
o deus Pan modular canções ternas, sonoras,
e em sua agreste flauta, ao sussurrar de beijos!

E assim tôda me invade o anseio de ter asa
para poder fruir, nessas pagãs auroras
o perfume sensual do sonho que me abraça!

BEIJO

Quanta tristeza! O amor que apagou o meu riso,
extinguindo o meu sonho, avivando a saudade,
foi porque não senti o bem que divinisso
em tua bôca floral; o beijo é a mocidade.

O beijo é a asa do amor que leva ao paraíso
em tremuras febris de gôzo e suavidade
Não te beije, mas quero, agora, o teu sorriso
vibrante de emoção, cheio de alacridade.

Teus lábios devem ter um cheiro de floresta,
nas auroras boreais da mocidade em festa,
quando estuantes de amor sentimos a alma louca!

Igual à chama rubra e ardente do astro-Rei!
E para eu ser feliz é preciso, bem sei,
a embriaguez do licor olímpico de tua boca!

BANALIDADE

Minha alma acalentou bela e doce quimera:
sonhei meu sonho róseo entre lindos gorgeios...
Minha vida floriu à luz da primavera
num anseio pagão, e em pagãos devaneios.

Eu, que tanto te amei e que te fui sincera
os lábios te entreguei sem sustos, nem receios;
e, igualmente, ofertar-te o coração quisera
em férvido holocausto, entre sutis enleios.

Mas, só quiseste fruir o aroma de meus lábios
as sensações florais e os virginais ressaibos
não, me dar teu amor! Nosso idílio porém,

Não foi ingênuo e nem teve fulgor de prece:
foi tal qual uma flor que, pálida, fenece
e morre sem deixar saudades a ninguém.

INGRATIDÃO

No percurso da vida há tristes desenganos!

Tu possuiste também um corpo virginal
tão casto como a flor aberta no rosal
e, o expões, agora, nu, aos olhares profanos.

No cabaré festivo a tua carne aromal,
exibes à avidez dos desejos insanos.
Há quem te sorva o mel dos lábios entre enganos
e envenenas assim o serpente do mal!

No altar da tua afeição, mais suave do que o
[arminho

tua pureza ofertas e em sacrifício fingente
e teu beijo, melhor e o teu melhor carinho.

Mas, quem gozou primeiro a tua carícia ardente
te deixou e esqueceu, trilhando o seu caminho
em busca de outro amor, de outra paixão fremente.

MORENA

Contemplando o teu vulto um mistério adivinho
em tuas formas, no olhar e nos lábios mimosos:
um beijo virginal, com dólido carinho,
olor primaveril, supra-divinos gozos...

Sonhos belos de amor, sem mágoa, sem espinho,
vivem sob o negror dos teus olhos formosos!
A tua vida é como um veludoso ninho
de anseios juvenis e sonhos vaporosos.

O teu corpo gentil, com maciez de veludo,
transporta-nos, cantando, à celestial esfera
e tua voz tanta vida e tanto ardor exprime!

Doce canção que põe sonho e perfume em tudo
és segrêdo de amor, rosa de primavera
e pulsa no teu ser um coração sublime.

SUBJETIVISMO

Na escuridão da noite ouço uma voz macia.
Talvez, venha da terra ou - quem sabe? - do vento.
Voz que ora se avoluma em ríspido lamento,
ora vai se estirando, errante e fugidia...

Não vem da noite a voz; desta noite tão fria!
Começo a compreender-lhe o som neste momento.
É a voz do meu amor, que, em sobrehumano intento
quer despertar a vida em tua alma vazia!

Quisera que esta voz chegasse ao teu ouvido,
e, dissesse do amor que trago no meu ser
com a virgem sedução de um verso nunca lido.

Que, mesmo sem te ver, eu gozo com egoísmo
as vibrações do amor, a tortura, o prazer
que tua escrava me torna e me leva ao abismo.

ALGUÉM

Na tarde que se esvai com maciez de veludo
sente a volúpia extranha e intensa do desejo.
Cerra os olhos, procura algum rosto carnudo
para morder-lhe a bôca e espasma-la com o beijo.

Neste momento assim, esquece-se de tudo
tem-se a impressão que vem dêsse lábio um har-
[pejo
que lhe penetra o corpo excitante e desnudo
e a transporta ao céu do amor livre e sem pejo.

Vive na exaltação da fome impura e louca;
a fome que só morre ao sentir outra bôca
num ósculo secreto, um gôzo de tortura!

A sua alma, bem sei; no pesar que a consome
embalde buscará matar num beijo a forme,
pois nunca há de alcançar o beijo que procura!

ELEVAÇÃO

Levantei-me do pó da rua,
Despojei-me dos pensamentos maus
que são flores sutis do jardim celestial;
e contemplei miríades de estrêlas
e me senti tão forte e me senti tão calma
com o amor, com a paz
com a fé dentro da minha alma —

— que tive piedade
da humanidade
que vive lutuosa
no caos da indiferença,
do cepticismo
erguendo altares vis ao deus de pessimismo
sem compreender a paz que conduz à verdade,

À Helena Kolody

Mora bem no fundo do meu ser
a alma que em vão procuro conhecer.
As vezes é pagã, outras vezes sagrada
alma de névoa errando pela altura,
nas asas rubras da imaginação,
em busca de uma rútila alvorada
ou de uma desventura
no anseio louco de libertação...

PAISAGEM

No cenário da tarde azúlea que se esvai,
um fio loiro de sol se estende sobre o monte
beijando a natureza em lasciva carícia...

Em leves rodopios
voltam os sábiás para os ninhos tardios...

Hiperion já toca as barras do horizonte
e há um silêncio profundo...

Silêncio incompreensível como a vida
e vasto como a vastidão do Mundo.

E um sino tristemente à distância soluça,
trazendo-me ao ouvido um tétrico lamento,
enchendo a minha vida de esperança,
fazendo florescer estranho sentimento.

O sol rubente, exangue,
lança no azul do espaço um raio morno e languê...

Há no fulgor do ocaso de dezembro
serpenteios de luz de sóis em agonia,
descrevendo uma rubra e floral poesia
que embala com dulçor meu sonho de criança.

Há no final da tarde abandonada e languê
um poema de amor que me revolve o sangue
e transporta o meu ser e minha alma inquieta
ao páramo ilusor onde vive o poeta!

POEMA DE AMOR

Nesse momento sublime
que tarde já não é, e ainda não é noite,
quando um painel em claro escuro é pincelado
pela artista sem par — a Natureza,
fluidifico-me em luz e em doidos elastérios
de saudade
meu pensamento vence os espaços etéreos:
Ouço voz em surdina: é a voz do meu amor
que vem,
do fundo do meu ser e traz a sedução
dos lânguidos noturnos de Chopin.
Voz que recorda o amor irresistível
que, possuindo o sabor do ineditismo,
terá vida eternal só por ser impossível.
Eu viverêi em ti e viverás em mim
na comunhão do amor que sonhei, bem assim:
e como o Sol ama a Terra e beija-a com seu lume
e a Terra beija o Sol e envia seu perfume!

Na tarde que se esvai, ardente e purpurina,
paralelas de luz se estendem nas alturas
e caem sobre a terra exuberante
num beijo prolongado e fecundante!
Na tarde que declina
há murmúrios de prece e súplicas no espaço;
há soluços de dor de estranhas criaturas,
angústia e inquietação de almas que se perderam
mas, que não se esqueceram...
Na tarde que se esvai, angustiosamente
meu sonho é grande, é imenso,
como os caminhos retilíneos do poente...

BUENA-DICHA

Um dia
uma cigana
de olhos inquietos
indiscretos
bateu na minha porta e leu a minha mão.
Disse-me, então
que depois dessa aurora em que vivia,
viria
um sonho lindo, um sonho tentador
que escondia tristeza e amargor...

E esta mulher que andou em terras diferentes,
da mentira espalhando as suas sementes
nunca mais voltou...
Quisera que voltasse e me vendesse
mais um pouquinho de ilusão...
Volta, cigana de olhos inquietos
indiscretos
ler a felicidade em minha mão...

E VOCE VEIO...

E você veio
de um modo estranho, um modo diferente
para a festa sem par do meu amor.
E cheguei a sentir dentro de mim
uma alegria enorme em ser feliz!
Meu segredo de amor, quisera encobrir
mas, é inutil porque
o seu beijo manchou-me os lábios para sempre
e, sua alma fundiu-se em minha alma dolente.
E fiquei com a impressão
que o mundo inteiro escuta
o seu beijo sensual vibrar em minha bôca!
Nos meus olhos escuros
há um delírio de amor e de felicidade,
e os seus olhos escuros
são os mais lindos poemas que já li.
E as suas mãos de artista e sonhador
que espalham sombra e luz
ficaram imortais
paradas
na superfície calma
da minha alma.

SE VOCÊ VOLTAR

Se um dia você voltar
para glorificar o meu amor,
sentir-me-ei feliz, e o suave palor
da poeira de luz de seus olhos bonitos,
certo há de iluminar
as noites sem luar da minha vida...
Porque, então eu saberei que você ouviu
o apêlo de minha alma sonhadora,
e os dolorosos gritos,
do meu mundo interior,
e compreendeu a superioridade
da minha aspiração
e, viu
que em minha alma existia um mundo diferente
paisagens virgens para o seu amor,
que guardo avaramente...

E pousará de novo os seus lábios nos meus,
e colherei a flor dos lábios seus,
um beijo palpitante, um beijo muito humano...
Se você voltar,
vibrante
de alegria e comoção,
há de encontrar
na trípole rubra do meu coração,
um fogo muito denso
onde se queimam óleos perfumados,
mirra e incenso,
para a glória final de nosso grande amor.
Se você voltar...

SEUS OLHOS

Seus olhos,
são dois abismos negros
onde sem saber eu me perdi:
são dois sonhos de luz
que despertam minha alma para a vida!...

A FELICIDADE

Eis que um dia
o poeta sonha com a felicidade
e sai a procura-la,
caminha dias, meses e anos
sem poder encontrá-la;
enfim, cansado da jornada,
sangrando pelas urzes do caminho,
desiludido,
moribundo,
quando só a alma se eleva ante o deslumbramento
do desconhecido,
diz: «Ó felicidade
o quanto te busquei nos castelos dourados,
na luxúria viril da mocidade louca,
nos beijos sensuais das mais formosas bôças,
e sem jamais compreender que sómente é feliz
quem sofre com resignação
e alimenta a esperança
de aportar à enseada da bonança,
quando a alma se evoluir
e se fluidificar em luz,
porque a felicidade é prêmio de outros mundos!»

ADORAÇÃO

Adoro as suas mãos
que revolveram e crisparam
a quietude de minha alma crente,
e, desenharam personagens esquisitas
na tela esmaecida do meu sonho;
Adoro as suas mãos
que num gesto supremo me mostraram
a vida,
e me fizeram compreender
que viver é lutar, e lutar é vencer
e fizeram vibrar sons infinitos
na sala solitária e fria
do meu coração...

CARNAVAL

Meia-noite... eu escuto uns rumores de guizo
é o «clown» do meu amor que lépido e risonho
em um raptó ideal, à bôca a flor do riso
transporta-me ao palácio esplêndido do sonho.
É ali que aos leves sons do samba da ilusão
numa volúpia infrene, eu danço com meu bem
sob o éter e o «confetti» a rir pelo salão
eu me sinto feliz assim como ninguém!
Carnaval! Carnaval! Vida! Alegria! Riso!
Exaltação do ser, ó febre purpurina!
Fica, embora êle passe, em seu ressoar de guizo
vibrando em minha cisma azul de colombina...

Que importa que te vás meu rútilo palhaço
se jamais fugirás em sonho ao meu abraço?
Nem a vida fará que eu deixe de ser tua
colombina sensual desmascarada e nua!
Viveremos assim cheios de dor e enleio
no eterno carnaval de um palpitante anseio!

PRESENTIMENTO

Nestes dias sem sol, nestes dias cinzentos
a minha alma indecisa
se cobre de tristeza e de pavor
e me sinto sôzinha
e chego até a supor
que o dia se vestiu de luto
para chorar o funeral de meu amor.
E o temor de perdê-lo
é um vírus que magoa e que revolta!
E pressinto o que vai acontecer.
Os artistas têm alma afeita à variedade
na ilusão de encontrar dona Felicidade.
E se se realizar o meu pressentimento
que me resta fazer?
Talvez, a morte seja o início de outra vida
mais feliz.
Pois, desejara ouvir neste momento
uma alma santa, uma alma caridosa,
para que sem temor eu me pudesse abrir
e, não me condenasse
por ter sido vencida
na peleja do amor, no combate da vida.